

Carta de um paciente a seu médico

Em 20 de maio de 1985 falecia em Pamplona o doutor Eduardo Ortiz de Landázuri. Havia dedicado todas as suas energias, capacidade intelectual e vontade humana aos doentes, mas no final da sua vida passou de médico a paciente com a maior naturalidade, convencido de que “o Senhor se coloca sempre junto do doente”. Fruto desse trato profissional e humano é a carta que um paciente ocasional lhe escreveu

e que foi publicada em diversos jornais da época.

13/01/2020

Um dia de dezembro de 1983, Laura Busca, esposa do Dr. Eduardo, encontrou no quarto do médico doente a carta de um paciente agradecido. Uma carta especial que decidiu guardar e enviar mais tarde a um amigo íntimo do marido, que a remeteu a outros, até que alguém decidiu publicá-la, quando o médico já havia falecido.

Zaragoza, 3 de dezembro de 1983

Amigo Eduardo Ortiz: Chamo-o amigo embora não nos conheçamos. Nem sou do Opus Dei, nem sei o que é. Não tenho fé, embora diga o padre que tenho esperança de tê-la. Não tenho caridade e gostaria de tê-la tido.

Escrevo-lhe dizendo que não nos conhecemos porque só nos vimos uma vez, há quase vinte anos; sou um dos 500.000 doentes que o senhor disse que visitou.

Meu nome é A.F., era funcionário de uma cidade pequena. Agora não sou nada, um aposentado pelo câncer que, como o senhor, espera a morte: no meu caso com medo. Entre nós dois há grandes diferenças: o senhor é “religioso e apolítico”, eu “político e arreligioso”; o senhor fala da morte sem tristeza, eu, com medo; o senhor diz que tentou passar pela vida fazendo o bem que podia, eu tentei passar pela vida esquecendo que é possível fazer o bem; o senhor crê no Céu, eu, agora, gostaria de crer. Antes considerei que não me interessava a questão.

Por que escrevo esta carta? Uma irmã minha, freira que mora em Pamplona, mandou-me o “Diário” e pude ler a

sua “mensagem aos que estão morrendo”. Depois de lê-la, pensando no seu câncer e no meu (nisto somos parecidos) envolveu-me um desejo muito grande de também ir para o Céu, no qual não creio. Confessei-me. Fazia uns vinte anos que não o fazia. A última vez depois da consulta com o doutor Eduardo Ortiz. Entre os remédios que me receitou estava que me confessasse. Como doente e medroso eu o fiz; porém fiquei bom e esqueci de tudo.

Há uma semana, depois de remoer a sua mensagem, chamei o padre. Disse-me que estou perdoado. Eu lhe disse que me arrependo para sempre (possivelmente porque não voltarei a ficar bom). O que acontece comigo que já não consigo escrever a mão e muito mal a máquina? Também disse que não tenho fé, nem creio no Céu. E o padre me disse que tenha paciência e que reze por um sacerdote que está

no Céu e que *foi muito amigo do doutor Eduardo Ortiz.*

O senhor tem 73 anos, eu, 37. A idade não importa: a nós dois falta pouco para ir ao outro mundo; ao senhor lhe disseram “com claridade e caridade”, e a mim de “modo confuso e sem caridade”. Escrevo esta carta porque me parece que com isso faço o “primeiro bem da minha vida a um amigo”. Se eu recebesse de um doente esta carta me alegraria ao saber que realmente “fiz bem” a alguém provavelmente porque não sou como o senhor; sou vaidoso.

Doutor, se o Céu existe e o senhor vai para o Céu não deixe que eu não vá apesar de, ainda, não crer. Obrigado, doutor, por sua mensagem. A.F.

(Carta publicada em vários jornais, entre eles *La Verdad*, de Murcia, em 16/01/1986).

Juan Antonio Narváez Sánchez conta em seu livro *O doutor Ortiz de Landázuri: Um homem da ciência ao encontro com Deus* que no decorrer da visita do seu amigo íntimo, Juan Francisco Montuenga, falaram do conteúdo desta carta.

A descrição da conversa, incluída na relação testemunhal do processo de beatificação, retrata muito bem a humildade, a humanidade e a fé de Eduardo Ortiz de Landázuri: “Apesar deste paciente me agradecer pelo que fiz por ele, é Deus que faz tudo. Pode ter a certeza de que como médico, estou totalmente convencido de que o Senhor se coloca sempre junto do doente; faz-lhes muito bem. Os seus ouvidos são muito mais sensíveis e a sua vista muito mais profunda”.

“É um mistério – continuou Eduardo – mas posso garantir que a todos os pacientes acontece a mesma coisa. A

única coisa que devemos fazer, os que estamos ao lado do paciente, é ajudar o Senhor, porque Ele faz tudo. Depois, de fato, como este doente, se esquecem, todos nos esquecemos. Mas o Senhor e os bons amigos não devem se esquecer dele. Por isso, gostaria de encontrar o seu endereço para poder acompanhá-lo como ele me acompanhou com a sua carta”.

pdf | Documento gerado
automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/carta-de-um-paciente-a-seu-medico/> (25/01/2026)